



Mística, psicanálise e método: um diálogo entre Inácio de Loyola e Etty Hillesum

Mystique, psychoanalysis and method:
a dialogue between Ignatius of Loyola and Etty Hillesum

Lucas Cordeiro Santos¹
Ceci Maria Costa Baptista Mariani²

Resumo: A partir da assimilação bibliográfica da obra *Mística y Psicoanálisis: el lugar del Otro en los místicos de Occidente*, de Carlos Domínguez Morano e dos relatos de Inácio de Loyola e Etty Hillesum, este artigo apresenta o caminho percorrido por estas reconhecidas figuras ocidentais em sua jornada espiritual à luz de conceitos e apreensões psicanalíticas e religiosas. A partir de uma pequena recordação biográfica, o artigo propõe-se a visualizar a integração pessoal de Inácio de Loyola e Etty Hillesum a partir da assimilação e superação de suas próprias situações psicológicas complexas. Além disso, destaca-se o intrigante método pelo qual são operados estes movimentos interiores, salientando-se a pertinência da experiência mística ocidental, cujo centro irradiador de qualquer transformação se dá pelo encontro com um Deus pessoal que interpela o próprio sujeito.

Palavras-chave: Espiritualidade Contemporânea. Mística Ocidental. Carlos Domínguez Morano.

Abstract: From the bibliographical assimilation of the work *Mística y Psicoanálisis: el Lugar del Otro en los místicos de Occidente*, by Carlos Domínguez Morano and the reports by Ignatius of Loyola and Etty Hillesum, this article presents the path taken by these recognized Western figures in their spiritual journey in the light of psychoanalytic and religious concepts and apprehensions. Starting from a small biographical memory, the article proposes to visualize the personal integration of Ignatius of Loyola and Etty Hillesum from the assimilation and overcoming of their own complex psychological situations. In addition, the intriguing method by which these inner movements are operated is highlighted, emphasizing the relevance of the Western mystical experience, whose irradiating center of any transformation takes place through the encounter with a personal God who challenges the subject himself.

Keywords: Contemporary Spirituality. Western Mystic. Carlos Domínguez Morano.

¹ Especialista em Gestão e Planejamento de Projetos Sociais pelo Centro Universitário Claretiano (2020). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2018). Graduação em andamento em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista de Iniciação Científica FAPIC/Reitoria – PUC-Campinas. ORCID: 0000-0001-6500-0528. E-mail: lucas.cs13@puccampinas.edu.br.

² Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e da Faculdade de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. ORCID: 0000-0002-2948-5705. E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br

Introdução

Mística e psicanálise³ compõem um quadro de estudo muito complexo e de difícil definição das fronteiras do saber, até onde cabe à Teologia, à Psicologia, à Filosofia e/ou às Ciências da Religião contemplar tal objeto, ou perspectiva? Há dificuldades dentro das próprias áreas do conhecimento, especialmente a teologia em relação à mística. Foram séculos nos quais o pensamento teológico sobrepunha-se à experiência mística, invalidando-a ou descredibilizando seus expoentes. Isso a partir do postulado triunfalista que foi se encrostando à Teologia, de modo que o racionalismo a conduziu até os umbrais do Concílio Vaticano II, marginalizando os saberes provenientes do campo espiritual e místico.

Entretanto, reconciliadas na contemporaneidade, a teologia retomou o conhecimento da pertinência da mística para a autocompreensão da própria teologia, pois:

A liberdade a que se chega através do itinerário místico, reconhece a Teologia que foi capaz de superar o preconceito iluminista e resgatar a tradição, é fruto de um mergulho na profundidade. Implica grande trabalho do sujeito sobre si mesmo e sobre sua relação com o mundo. Supõe a superação de uma relação formal com Deus fundada na adesão ao dogma (MARIANI, 2012, p. 870).

Por sua vez, a relação entre Psicanálise e Psicologia é, diante da acima levantada, muito mais jovem e mais bem delimitada. Enquanto a Psicologia vigora como uma ciência, a Psicanálise é considerada um saber cujo objeto de análise é o Inconsciente. O Inconsciente, na teoria freudiana é o espaço psíquico, não anatômico, no qual estão inscritos conteúdos recalçados, originados pelo desejo, imaginários e/ou inatos que podem incidir no consciente e, por sua vez, são capazes de explicar algumas arestas do comportamento humano (CORDEIRO, 2014). Por sua vez, ambas as áreas se conciliam bem na afirmação uma da outra e de suas diferenças constitutivas.

³ Ao nomear estes dois conceitos, toma-se como referência fundamental ao longo de todo artigo a posição de Morano expressa na obra *Mística e Psicanálise: o lugar do Outro nos místicos do Ocidente*. É importante notar que nesta obra o autor tece uma profunda reconstrução da história da psicologia em relação a acolhida da mística entre seus campos de estudo. Além disso introduz o leitor nos vários saberes da psicologia e, por último, como sugere o próprio título, parte da psicanálise para dialogar e compreender o fenômeno místico ocidental.

Dirimidas as questões acadêmicas, este artigo evidencia o entrelaçamento do estudo entre mística e psicanálise a partir dos escritos de um teólogo, psicólogo, psicanalista e professor jesuíta, Carlos Domínguez Morano. O referencial teórico extraído da obra de Morano, *Mística y Psicoanálisis: el lugar del Otro en los místicos de Occidente*, auxilia na compreensão da experiência mística relatada por Inácio de Loyola e Etty Hillesum em suas jornadas de integração humana e religiosa.

Neste itinerário serão contempladas três seções, um pequeno prelúdio com o intuito de esclarecer alguns termos e uma conclusão que entrelaça os conteúdos apresentados e que consolida os resultados obtidos. A primeira seção *Mística: o lugar-comum entre o cavaleiro de Loyola e a psicóloga da Shoah*, apresenta características biográficas que possibilitam enquadrar ambos os autores como místicos. Compreende-se, também nesta seção, que existem fontes de leituras comuns entre Inácio de Loyola e Etty Hillesum, bem como uma profunda experiência que transfigura o modo de cada um ser, fazendo com que a mística vivida se torne compromisso com a realidade e o mundo presente.

O irreverente título da segunda seção, *Inácio de Loyola e Etty Hillesum no divã: perspectivas psicanalíticas*, busca evidenciar o objetivo principal deste tópico: delinear os contornos do relatado por eles à luz dos elementos psicanalíticos expostos por Morano. Nesta seção o conteúdo dos relatos místicos e existenciais dos autores estudados será visualizado a partir dos instrumentais psicanalíticos, possibilitando compreender como a mística realiza operações de integração empreendidas também pelos analistas. Neste sentido, esta seção aponta para a pertinência do processo místico à luz do empreendimento psicanalítico contemporâneo.

Por último, a terceira seção, *A intimidade com Deus: o método da alteridade*, insere o leitor numa oposição entre as formas das experiências místicas e espirituais decorrentes da polaridade mundial: Oriente e Ocidente. A partir do exposto por Morano, a mística vivida na esfera de Inácio de Loyola e Etty Hillesum é devedora da expressão espiritual ocidental que, por sua vez, potencializa uma experiência espiritual dual, ou seja, o encontro do ser humano com Deus. Conclui-se, deste apartado, que a dualidade constituinte da experiência ocidental é a propulsora da integração analisada na segunda seção, pois, sem o fator dual da mística ocidental, numa compreensão psicanalítica, faltariam aspectos para propiciar a integração do Eu.

1. Esclarecimento dos termos

O estudo e a reflexão sobre mística, por si só, já exige uma complexa conceituação dos termos, devido à polissemia da linguagem espiritual nos relatos e escritos dos grandes escritores e escritoras espirituais. Por sua vez, atrelada à psicanálise, faz-se urgente uma breve introdução dos conceitos utilizados em vista de sanar possíveis dubiedades ocasionadas por palavras compreendidas de maneira equivocada. Por isso, a pergunta central deste brevíssimo tópico é: sob quais referenciais os conceitos abordados estão alicerçados? Em decorrência desta situação, ainda é possível compreender quais são as apreensões implícitas aos termos quando utilizados nas linhas seguintes.

A primeira compreensão importante é a que se refere ao conceito mística, pois, não se trata de esoterismo ou de rupturas com a realidade, trata-se de uma experiência fundamentalmente humana que dá sentido e significado aquele que a experimenta e que, de certo modo, não pode ser obrigatória e, muito menos, menosprezada por quem não a experimentou. Numa apreensão a partir do instrumental teológico e das Ciências da Religião é possível afirmar que a

Mística é discurso sobre a relação com Deus daquele que faz um percurso que implica o envolvimento num trabalho de despojamento de si, para deixar-se transformar pelo totalmente Outro que, em sua grandeza e liberdade, é absolutamente transcendente, impossível para o entendimento e o querer humanos (MARIANI, 2009, p. 371).

Por outro lado, à luz dos saberes provenientes da fenomenologia da experiência mística, faz-se necessário compreender que este fenômeno pressupõe quatro elementos: a inefabilidade, ou seja, a incapacidade de comunicar totalmente a experiência vivida sem acorrer a uma violência linguística; a iluminação intelectual⁴, isto é, o conhecimento de algo desconhecido da realidade divina ou humana a partir da irrupção do transcendente; a transitoriedade que afirma o caráter momentâneo do fato, sendo que

⁴ A iluminação intelectual fulgura como o elemento mais nítido nas experiências que serão analisadas. Entretanto, é assaz pertinente afirmar que todos os elementos são constatáveis nas experiências de Inácio de Loyola e Ety Hillesum. Além disso, a iluminação intelectual, nestes casos, não pode ser entendida como afirmação da superioridade da razão sobre os demais elementos.

não se constitui um estado, mas uma experiência e; a passividade, a inatividade humana para que tal fato ocorra, sendo este uma iniciativa transcendente (ARAÚJO, 2023).

Deste modo, a mística compreendida e analisada neste artigo abrange uma experiência de fé pela qual o sujeito assimila sua própria existência a partir de um encontro que lhe confere sentido existencial. Por sua vez, a partir dos instrumentais científicos, a experiência mística é composta pelos quatro elementos supracitados do psicólogo da religião William James (1842 - 1910)⁵, o que a confere um estatuto científico, possibilitando que o fenômeno seja estudado enquanto é conhecido e testemunhado.

Outro conceito de assimilação complexa e equívoca é o *Outro*⁶. Utilizado recorrentemente nas linhas abaixo, sua conceituação transborda, aqui, da apreensão filosófica-teológica sobre a alteridade. Nesta conceituação, o sujeito, ou mais comumente o eu é capaz de reconhecer no outro um sujeito diferente de si. Na visão de Gabriel Marcel e Martin Buber, o outro é aquele a ser designado pelo pronome tu, não deixando espaço para que ele seja objetificado ou coisificado (SANTOS, 2018). Por sua vez, o Outro grafado com maiúscula refere-se ao totalmente outro, ou seja, a Deus que é diferente e transcendente por excelência.

É importante notar que o encontro com o Outro será a marca registrada das experiências místicas estudadas. Inácio de Loyola e Etty Hillesum compreendem-se a si mesmos a partir de sua experiência de Deus, ou seja, experiência do Outro. A partir dos escritos de Morano sobre o desenvolvimento histórico da psicanálise, o conceito freudiano *Inconsciente* e o conceito *Isso* assumido por Freud de Georg Groddeck, na compreensão desta pesquisa, podem ser tomados como aberturas para um profundo

⁵ Morano ao referir-se à William James em sua obra escreve: “William James, pioneiro da psicologia da religião, ainda hoje, continua sendo o autor mais citado quando se busca compreender os elementos que essencialmente configuram a experiência mística. Na sua bela e sugestiva obra *Variiedades da experiência religiosa*, James se refere a quatro elementos básicos neste estado de consciência: a inefabilidade, a iluminação intelectual, a transitoriedade e a passividade” (MORANO, 2020, p 30). Uma profunda compreensão deste autor e, principalmente, destes quatro elementos pode ser encontrada no primeiro capítulo da obra de Morano.

⁶ Além do exposto nestes parágrafos é importante mencionar que este conceito possuiu uma compreensão particular e de grande largueza na psicanálise, contudo, dado o escopo do trabalho não foi possível apreciá-lo em sua largueza conceitual psicanalítica, enfocando-se, desta forma, as características filosófico/teológicas. Isso é aprofundado parcialmente por Carlos Domínguez Morano nos primeiros três capítulos de sua obra.

diálogo entre psicanálise e mística tendo como referência o conceito Outro explicitado acima⁷.

O último termo que precisa ser esclarecido é o conceito de método. Comumente utilizado no vocabulário cotidiano, o método refere-se ao meio, ao conjunto de fatores necessários para alcançar um objetivo. Entretanto, dado o escopo desta pesquisa é necessário resgatar sua etimologia grega, método vem da junção de duas palavras gregas *μέθ-οδος*, a preposição *μέθ* (meta), nesta construção, refere-se a um movimento de busca que pode significar também *pelo qual* ou *através de*. Enquanto isso, o substantivo *οδος* significa caminho. Deste modo, é necessário compreender a palavra método, principalmente na terceira seção, como o caminho pelo qual ou através do qual se consolida a situação analisada.

2. Mística: o lugar-comum entre o cavaleiro de Loyola e a psicóloga da Shoah.

Inácio de Loyola (1491 - 1556) é um paradigma do pensamento místico cristão. Criado e educado como um nobre basco da casa de Loyola, viveu uma profunda ruptura existencial ao ser atingido pelos estilhaços de um canhão que deixou uma de suas pernas esvaquiadas. Assim, o jovem basco foi levado para Loyola ferido e derrotado. Após sua chegada, sucedeu-se uma carnificina de operações e cirurgias cujo intuito era o de recuperar a normalidade da perna ferida (LOYOLA, 2005).

Entretanto, não são os fatos exteriores e bélicos que vigoram como os mais importantes na vida deste bastião católico do século XVI. Enquanto exteriormente tais fatos se sucediam de maneira pitoresca, no interior de Inácio de Loyola pensamentos e reflexões convergiam na busca por outra forma de vida. Pois desejoso de ler romances cavaleirescos durante sua convalescença, quis a realidade lhe contrariar, pois somente dois livros estavam à sua disposição: “*Vita Christi* e um livro da vida dos Santos em língua pátria” (LOYOLA, 2005, p. 29). Assim, estimulado por estas leituras, Inácio começou, ainda de maneira acanhada, a discernir o que acontecia em seu interior, pois,

⁷ Não obstante é importante referendar que a posição freudiana sobre a mística é incontestável, sendo que ele a considerava “um modo inaceitável de aproximação e pretensão de conhecimento da realidade” (MORANO, 2020, p. 121). Sendo esta situação o motivo de conflitos homéricos com seus correspondentes. Por sua vez, Morano busca elucidar a relação entre mística e psicanálise assumindo a multiplicidade de autores pós-freudianos e suas respectivas teorias. Por isso, tomasse a compreensão e conceituação de Morano sobre a psicanálise como base do artigo.

quando pensava em imitar Francisco de Assis e Domingos de Gusmão seu espírito sentia alegria perene, por outro lado, quando se deleitava nas imagens de sua vida militar e nos prazeres do mundo, dissabores vinham-lhe logo após tais pensamentos.

De cavaleiro de Pamplona, Inácio de Loyola se comprometeu a ser um penitente. Após esta ruptura intensa com seu próprio ideal, viveu, como é amplamente conhecido, uma profunda conversão, buscou seguir os passos dos grandes santos do século XII e peregrinou até Jerusalém. Após vários períodos de intensa atividade espiritual concebeu os *Exercícios Espirituais*, um guia para a orientação espiritual. Ao compartilhar seus conhecimentos com as pessoas foi, por duas vezes julgado pela Inquisição, entretanto, seus textos não foram condenados. Juntamente com seus companheiros de Paris fundou a Companhia de Jesus, sendo escolhido como o seu primeiro superior geral e redigiu as Constituições e Regras desta nova família religiosa. Inácio de Loyola, a partir de um longo trajeto de encontro consigo e com Deus tornou-se um novo homem e, desta forma, entusiasmou muitos no seguimento de Jesus.

Os dados biográficos de Inácio de Loyola são abundantes, muitos livros recolhem fatos importantes de sua biografia. Entretanto, para o escopo deste texto é necessário se aproximar da vida interior de Inácio de Loyola, buscando tatear as situações que o impulsionaram a estabelecer novos parâmetros de vida e direcionar todas suas potencialidades e forças para a vida religiosa em detrimento de seus desejos militares. É importante compreender que a conversão de Inácio de Loyola está baseada em critérios espirituais atrelados a sua própria personalidade e modo de experimentar a vida, ou seja, há uma operação religiosa atrelada a uma personalidade obstinada, severa e muito meticulosa.

Para completar o cenário desta topografia mística, visto que os elementos históricos, sociais e pessoais de Inácio já foram, mesmo que brevemente, analisados, falta o contexto religioso que o impulsionou: a *Devotio Moderna*. Neste sentido, a experiência religiosa proveniente do século XV apregoava uma religiosidade interior, centrada na vida espiritual do próprio indivíduo⁸. Esta expressão religiosa é nitidamente

⁸ “A espiritualidade litúrgica decaí, do mesmo modo a prática sacramental, dando espaço, por sua vez, à meditação pessoal e a outros exercícios de piedade mais subjetivos, mais afetivos, aos quais os devotos se entregavam com verdadeiro ardor; especialmente na oração meditativa” (GÓMEZ, 1990, p. 29, *tradução nossa*) “La espiritualidad litúrgica decae, lo mismo que la práctica sacramentaria, para dar paso a la

visualizada na experiência de Inácio de Loyola, visto que os *Exercícios Espirituais* são o desenvolvimento e publicação dos próprios caminhos trilhados por Inácio de Loyola em sua jornada interior. Assim, os Exercícios podem ser considerados a publicação de uma experiência vital que serviria para ajudar os demais em sua própria jornada interior.

Outro elemento da *Devotio Moderna* que deve ser levado em consideração é a obra de Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*. Pois nas notas da *Autobiografia* é afirmado que tal escrito era o predileto de Inácio de Loyola que o lia diariamente (LOYOLA, 2005). É possível notar influências da *Imitação de Cristo* na própria proposta inaciana dos *Exercícios*, como, por exemplo, quando Tomás de Kempis (2016, p. 31) diz: “Somente quem cultiva o fervor espiritual conhece a paz do coração, e não aquele que descuida de suas paixões e se perde em exterioridades”, já que Inácio de Loyola (2000, p. 47) anota na Primeira Semana de seus *Exercícios* que é necessário “vencer-se a si próprio, fazendo com que a sensualidade [vida sensitiva, afetiva e emocional] obedeça à razão e que todas as tendências inferiores sejam submissas às superiores”.

Deste modo, a partir do apresentado é possível compreender que a mística em Inácio de Loyola se dá como encontro com Deus que orienta a existência à luz da integração do próprio sujeito. A mística em Inácio possui elementos visionários, extáticos e de iluminação intelectual, entretanto, o fundamento desta experiência espiritual está no desvelamento do próprio Eu a partir do reconhecimento da história vivida e do encontro pessoal com Jesus de Nazaré nos contornos de sua vida, paixão, morte e ressurreição. Assim, tomando os *Exercícios Espirituais* como forma mais elaborada da enunciação da vivência espiritual de Inácio de Loyola é possível afirmar que sua vida interior estava baseada numa metódica forma de silenciar-se diante de Deus com o intuito de conhecer a si próprio e ao mistério de Deus.

O contexto vital de Etty Hillesum (1914-1943) difere substancialmente daquele vivido por Inácio de Loyola. Etty Hillesum nasceu no início do século XX nos Países Baixos. Filha de judeus, tinha dois irmãos. Os relatos de sua vida que chegaram até os dias atuais consistem em Diários e Cartas, quase todos escritos entre 1941 e 1943, anos

meditación personal y a otros ejercicios de piedad más subjetivos, más afectivos, a los que los ‘devotos’ se entregan con verdadero ardor; especialmente en la oración meditativa.”

nos quais Etty Hillesum teve uma profunda mudança existencial caracterizada por seu encontro com o psicoquirólogo⁹ Julius Spier.

A família de Etty Hillesum estava domiciliada em Deventer, contudo, em 1932, Etty Hillesum mudou-se para Amsterdã, onde cursou Direito até 1939. É um fato incontestável que, mesmo sendo uma aluna muito prestigiada, o Direito não a encantou. Assim, logo após o término destes estudos migrou para o estudo das línguas eslavas, chegando a dar aulas de russo. Entretanto, Etty Hillesum viveu este período de maneira inconstante, deixando-se conduzir pelos resquícios da inconstância herdada de sua família, que ela mesma relatou em seus diários como a fonte de muitos de seus problemas pessoais e de seus irmãos (SANTOS; MARIANI, 2023).

No início de 1941, Etty Hillesum encontrou-se com alguém que mudaria sua vida, Julius Spier, um renomado psicólogo discípulo de Carl Gustav Jung (1875 - 1961).

Spier exercerá sobre Etty uma influência determinante, não apenas ao nível psicológico, mas sobretudo no campo espiritual. Muito mais do que um terapeuta, Spier revelar-se-á um verdadeiro ‘obstetra da alma’, ordenando nela as suas forças contraditórias e o seu caos interior. É ele quem a inicia na prática da oração, bem como na leitura da Bíblia e de autores de tradição católica como Santo Agostinho, Francisco de Assis e Tomás de Kempis (CAMPOS RIBEIRO, 2019, p. 43).

Neste sentido, o trabalho operado por Julius Spier se consolida como o trabalho realizado por um diretor espiritual, ou seja, alguém que se preocupa com os movimentos interiores do indivíduo. A partir deste acompanhamento psicológico/espiritual, Etty Hillesum, no dia nove de março de 1941, escreve suas primeiras palavras em seu Diário: “Ora vamos a isto! Vai ser um momento doloroso e difícil de ultrapassar para mim: confiar o meu ânimo reprimido a um insignificante pedaço de papel quadriculado” (HILLESUM, 2020, p. 59).

O fato de escrever diários se consolida como uma das formas empreendidas neste processo de mudança operado por Etty Hillesum, dado que este exercício

⁹ O conceito psicoquirologia é definido por Mendonça como “diagnose psicológica que parte da leitura da morfologia da mão” (MENDONÇA, 2020, p. 14). Neste sentido, Etty Hillesum descreve o trabalho de Spier assim: “Fiquei muito impressionada com o trabalho dele: a análise dos meus conflitos mais profundos através da leitura do meu segundo rosto - as mãos” (HILLESUM, 2020, p. 60). É importante afirmar que esta prática não é considerada científica e sua menção neste artigo não busca ratificá-la, pois trata-se, somente, de uma constatação histórica evidenciada na vida de Etty Hillesum.

cotidiano estava conjugado com a prática de exercícios físicos, de momentos de meditação e, o mais importante, da análise de si mesma¹⁰. Ety Hillesum, a partir destes vários elementos, tateou seu próprio ser, descobrindo-se uma pessoa extremamente intensa nas relações, aficionada a expectativas grandiosas, fascinada pelos devaneios do pensamento, possessiva e inconstante. Este reconhecimento de si possibilitou uma libertação interior, como ela mesma aponta em seus escritos:

Milhares de cadeias apertadas foram soltas, e eu respiro liberta e sinto-me revigorada, olho para o que me rodeia com um brilho nos olhos. E agora que não quero possuir mais nada e estou livre, agora possuo tudo, a minha riqueza interior é infinita (HILLESUM, 2020, p. 75).

Concomitantemente a este processo de integração pessoal, Ety Hillesum foi perseguida pela incursão nazista nos Países Baixos. Como judia, partilhou da sina de seu povo e foi trabalhar no Conselho Judaico, uma organização que intermediava recursos entre o governo do III Reich e a população judaica. Ety Hillesum por três vezes foi ao Campo de Trânsito de Westerbork e, na última passagem, em meados de 1943, tornou-se interna e juntamente com toda sua família, foi transportada para o Campo de Concentração de Auschwitz. Seu último escrito relata que eles, os Hillesum, deixaram o campo cantando e calmos (HILLESUM, 2009).

O processo interior realizado por Ety Hillesum não fez com que ela se aproximasse de nenhuma forma de institucionalização religiosa. Sua progressiva caminhada espiritual aconteceu com os elementos que lhe foram ofertados por Julius Spier: a leitura de textos cristãos, a meditação, a oração e a reflexão sobre os movimentos interiores de seu ser. Ety Hillesum, principalmente em seus primeiros diários, evidencia a preocupação por mudar sua própria forma de relacionar-se com a vida, gradativamente ela assume uma escrita voltada ao relacionamento com Deus e, consciente disto, escreve: “Dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e

¹⁰ É muito interessante notar como a vivência mística de Inácio de Loyola e Ety Hillesum assumem postulados encontrados na *Imitação de Cristo*. Sobre a ocupação do tempo, Tomás de Kempis (2016, p. 45) escreve: “Nunca estejas de todo desocupado; antes lê, escreva, reza, medita ou faz alguma coisa da qual todos possam se beneficiar. Veja quais exercícios corporais te são adequados, pois nem todos valem para todos”.

cascalho no poço, e aí Deus está soterrado. Então é preciso desenterrá-lo” (HILLESUM, 2020, p. 112).

Salvaguardadas as diferenças nas topografias místicas de Inácio de Loyola e Etty Hillesum, algumas características resultam ser muito próximas e, diante das vicissitudes do tempo presente, importantes para a compreensão de uma experiência mística atrelada com a vida como ela é. O manancial espiritual que subjaz na experiência de ambos os autores retoma a ruptura evidenciada na *Devotio Moderna*, ou seja, uma espiritualidade na qual o sujeito se relaciona com Deus e, buscando compreender-se a si próprio, reconfigura sua própria vida numa nova perspectiva existencial. Inácio de Loyola abandonou as honrarias e as armas para tornar-se um diretor espiritual para todos que quisessem viver uma profunda experiência de Deus, Etty Hillesum integrou sua personalidade inconstante para tornar-se bálsamo para as muitas feridas (corporais e existenciais) dos internos do Campo de Westerbork.

Estes últimos elementos da espiritualidade de Inácio de Loyola e Etty Hillesum destacam uma característica importantíssima: a experiência mística subjetiva não era egoísta. Todos os fatores espirituais que aconteceram no interior destas duas figuras extrapolavam sua interioridade e ofertavam-se àqueles que mais precisavam como dom e serviço. O encontro espiritual de Inácio de Loyola e Etty Hillesum os conduziram a um profundo compromisso social com aqueles que mais precisavam. Neste sentido é possível dizer que a mística herdada da *Devotio Moderna* e encarnada nas vivências de cada um consolidava-se como uma *Mística de olhos abertos*, que nas palavras de Metz deve ser entendida como:

Uma fé que busca a justiça. Certamente por isso os cristãos também são místicos, mas não exclusivamente místicos no sentido de uma experiência espiritual pessoal, porém no sentido de uma experiência espiritual de solidariedade. Eles são, sobretudo, “místicos de olhos abertos”. Sua mística não é uma mística natural, sem face. Ela é muito mais uma mística que busca essa face, que leva esses místicos ao encontro do outro, sofredor, ao encontro da face dos infelizes e vítimas do mundo. Ela obedece, em primeiro lugar, à autoridade dos sofredores (METZ, 2013, p. 21).

Em suma, a mística em Inácio de Loyola e Etty Hillesum se configura como uma mística possível a todo e qualquer ser humano, “uma experiência nua” (MENDONÇA, 2016, p. 33) na qual o sujeito é desvelado a si pelo Criador, conforme a intuição da *Devotio Moderna*. Ao mesmo tempo, à luz do testemunho destes dois

místicos, é uma mística com o rosto voltado para realidade, não é alienada, mas constitui-se como *Mística de olhos abertos* e ouvidos atentos aos clamores dos sofredores. É possível dizer que nas experiências estudadas conjugam-se de maneira harmoniosa a intimidade e a solidariedade, a passividade na relação com Deus e a proatividade na ação concreta, bem como, a psicologia humana e a pedagogia divina. É mística:

porque se funda na experiência da alma que procura julgar a realidade com os olhos de Deus e que para isso, considerando a diferença imensa que separa o finito do infinito, deve percorrer um itinerário, atravessar suas próprias faculdades, despojando-se da inteligência e da vontade, confiando que, ao longo desse trabalho, Deus vem a ela e, fazendo aí sua morada, transforma seu saber e seu querer (MARIANI, 2009, p. 370).

3. Inácio de Loyola e Etty Hillesum no divã: perspectivas psicanalíticas.

Os aspectos místicos não podem ser desassociados da realidade à qual está atrelada a vida do indivíduo, assim sendo, a mística transfigura a realidade, a personalidade e, como será apresentado, as próprias situações psíquicas. “Toda experiência mística é ‘impura, pela graça de Deus’, sem que seja possível ‘tirar a casca’ da experiência mística para ficar apenas com um suposto ‘núcleo verdadeiro’” (MELLA apud MORANO, 2020, p. 43). Desta forma, apoiados nos estudos de Carlos Domínguez Morano, esta seção propõe-se a buscar compreender, assim como um analista que olha para seu analisando no divã, as situações e/ou condições pessoais que possibilitaram que Inácio de Loyola e Etty Hillesum vivessem como evidenciado acima e respondessem às exigências de sua realidade da forma como fizeram.

O método utilizado para estar mais próximo dos autores estudados se dá na contemplação de suas obras mais íntimas, no caso de Inácio de Loyola a sua *Autobiografia* e o *Diário Espiritual*, já em Etty Hillesum, seus *Diários* e *Cartas*. É de conhecimento público que a *Autobiografia* de Inácio de Loyola não foi redigida por ele, mas é resultado da coleta de informações realizadas pelo Pe. Luís da Câmara que se encontrou com o próprio Inácio de Loyola para o fim de recolher informações de sua vida. O *Diário Espiritual*, por sua vez, constitui um fragmento dos escritos cotidianos de Inácio de Loyola, os quais Pe. Luís da Câmara relata ter visto, mas não ter podido ler

(LOYOLA, 2005). Estes fragmentos possuem o relato espiritual do discernimento feito por Inácio de Loyola sobre a questão das rendas eclesiais e se a Companhia de Jesus deveria se utilizar destas.

Por sua vez, os textos hilesianos expõem a vida cotidiana e espiritual de Etty Hillesum após o seu encontro com Julius Spier. As *Cartas* constituem inúmeras correspondências com variados conteúdos, entretanto, algumas delas dão verdadeiro testemunho da realidade do Campo de Westerbork. Deste modo, dialogando com a palavra viva de Inácio de Loyola e de Etty Hillesum, notar-se-á aspectos de sua própria personalidade a partir do referencial teórico de Carlos Domínguez Morano exposto no texto *Mística y psicoanálisis*.

A personalidade de Inácio de Loyola era marcada por alguns elementos muito fortes e notórios: a obstinação, a solidão, a ausência da figura materna e o narcisismo são elementos muito proeminentes na biografia deste nobre basco. Inácio de Loyola (2005, p. 27) “contra o parecer de todos os cavaleiros”, obstinadamente animou os demais a defender Pamplona diante do fulminante ataque francês. É interessante notar que numa obra de sua maturidade, Inácio de Loyola deixa transparecer traços de sua irritabilidade e solidão, escrevendo que estava “indignado com a Santíssima Trindade” (LOYOLA, 2007, p. 42) e com o som emitido na escada antes de iniciar a Missa, fato que fez com que ele meditasse da seguinte maneira “ir-me de casa e alugar um quarto para me afastar do ruído; (...) ou pôr o altar num piso superior” (LOYOLA, 2007, p. 67). Delineando tais elementos, os textos confirmam o caráter obstinado, irritado e solitário de Inácio de Loyola.

Por sua vez, a ausência materna não aparece como elemento tácito para o próprio Inácio de Loyola, mas é captado pela precisa análise de Morano. Não se sabe se ele ficou órfão de mãe ao nascer, entretanto, não existem vestígios que apontem a presença materna em sua biografia¹¹. Numa perspectiva psicanalítica esta ausência é basilar e tem profundas imbricações na construção da personalidade, em Inácio não poderia ser diferente¹². Para Morano a ausência materna está intimamente atrelada ao

¹¹ “Não somente aqueles que se debruçaram sobre a figura de Inácio numa perspectiva psicanalítica, mas também aqueles que o fizeram a partir da história, ressaltaram o papel que este fato [a ausência materna], sempre importante na vida de cada pessoa, desempenhou na vida de Inácio” (MORANO, 2020, p. 438).

¹² “A perda de sua mãe em tão tenra idade – a partir de Meissner – teve um impacto patógeno sobre a vida de Inácio, que se deixa ver primeiramente a partir de seu núcleo depressivo, com uma sensação

narcisismo patente em Inácio de Loyola, e ambas foram revisitadas por ele a partir do mesmo fato: os ferimentos de Pamplona.

“Inácio se viu obrigado a atravessar uma profunda crise pessoal, de profundidade e complexidade difíceis de serem mensuradas [...] A bala rompeu mais que uma perna. Foi toda uma identidade que se viu quebrantada” (MORANO, 2020, p. 443). De volta à Loyola, aos cuidados de Doña Magdalena, Inácio de Loyola vivenciou uma profunda regressão, viu-se vulnerável, ferido e reconduzido a casa. Estes elementos fomentam um forte relacionamento com o núcleo materno do indivíduo, não obstante, é neste momento que Inácio de Loyola leu, como outrora mencionado, a *Vida de Cristo* e o livro dos Santos. Inicialmente, a personalidade narcísica de Inácio de Loyola realiza uma transferência, de cavaleiro de Pamplona, deseja tornar-se cavaleiro de Cristo. A operação realizada é séria e profunda, “tanto o seu irmão como os outros da casa, foram conhecendo pelo exterior a mudança que se tinha operado interiormente na sua alma” (LOYOLA, 2005, p. 33), contudo, ainda persistia um narcisismo que ansiava mais por repetir os feitos religiosos de Francisco de Assis do que um encontro profundo com a realidade divina.

A primeira relação de Inácio de Loyola com Deus é marcadamente, edípica, marcada por ambivalências e por um sentimento de culpa que o aproxima muito de uma relação sacrificial e masoquista (MORANO, 2020). Deste modo, nem mesmo Inácio tinha clareza de sua relação com Deus, nutrindo certa desconfiança e vivendo numa representação de Deus à luz da imaginação do pai nas vicissitudes não resolvidas de Édipo. Até o momento em que, marcadamente há uma ruptura com esta situação, como afirma Morano:

Despertar de um sonho. A expressão resulta sumamente reveladora. Porque, de fato, se tratou de abandonar a ordem imaginária na qual até então permanecia, romper a fantasia narcisista de ganhar Deus seduzindo-o, como uma criança com sua mãe, ou de conquistar seu favor mediante uma submissão masoquista a uma lei que se imagina como vontade onipresente do pai. De uma maneira ou de outra, Inácio permanecia no registro do sonho, do imaginário, de um lugar no qual

inconsciente de abandono e com uma propensão a experimentar intensos sentimentos de culpa, provavelmente por sentir-se inconscientemente responsável pela perda do objeto amado. Este núcleo depressivo forçaria em Inácio um permanente trabalho de reelaboração interna, assim como um intento de salvar-se dos efeitos mais catastróficos da perda mediante a busca de objetos idealizados que aliviassem a falta primeira (MORANO, 2020, p. 439).

nunca poderá ter lugar uma autêntica experiência de encontro com Deus, pois, realmente, neste registro imaginário só cabe a relação com a própria imagem especular (MORANO, 2020, p. 461).

Contudo, em meados de agosto e setembro de 1522 Inácio de Loyola “se abriu a possibilidade de um encontro que escapava absolutamente à sua intenção de controle” (MORANO, 2020, p. 462), diferente do que havia acontecido até ali. Pois como visto acima, não é a sua projeção que impera, senão uma abertura total ao Outro que se apresenta. A experiência ocorrida em Cardoner¹³, é considerada como uma experiência de iluminação intelectual, ou seja, a revelação de um novo conhecimento divino até então desconhecido. Esta experiência mística é fundante em Inácio de Loyola e modifica sua disposição em vista do relacionamento com Deus, superando e integrando os dilemas expostos anteriormente, sendo transfigurados numa perspectiva na qual Inácio concebe Deus como Pai e Criador.

Da mesma forma que Inácio de Loyola, a caminhada mística de Etty Hillesum é gradativamente forjada enquanto esta avança no conhecimento de si e, na prática de seu novo cotidiano. A sucessão de anotações em seus diários dá testemunho de tal progresso, visto que sua personalidade de grandes expectativas e, como ela mesma afirma, demasiada erótica e desejosa de possuir todas as coisas (HILLESUM, 2020), dá espaço para uma nova forma de relacionar-se consigo e com o mundo, mais consciente e serena diante das adversidades.

Entretanto, diferentemente de Inácio de Loyola, cujos escritos da época de sua profunda e impactante experiência mística foram destruídos (LOYOLA, 2005), os Diários de Etty Hillesum subsistiram e narram o difícil processo percorrido por ela para integrar-se a si mesma no caos interior e social que a cercava, conforme uma de suas primeiras anotações:

Lá estava eu então, com meu ‘bloqueio espiritual’. E ele [Spier] iria pôr o meu caos interior em ordem, dominar as forças contraditórias que habitam o meu íntimo. Foi como se me tivesse pegado pela mão e me dissesse, vê, é assim que deves viver. Toda a vida tive esta sensação: quem me dera que houvesse alguém que me pegasse pela mão e se ocupasse de mim; eu pareço forte e faço tudo sozinha, mas gostava tanto de me entregar completamente (HILLESUM, 2020, p. 63).

¹³ *Autobiografia n. 30.*

Etty Hillesum vê na relação com Spier o programa de integração de sua personalidade. São os encontros com ele que estabelecem o gradativo processo de encontro consigo. Por sua vez, num movimento de difícil percepção ao leitor menos atento, o interlocutor dos *diários* deixa de ser Spier ou a própria alma de Etty Hillesum e passa a ser Deus (SANTOS; MARIANI, 2023). Assim, Etty Hillesum realiza um trajeto espiritual mediado por Julius Spier como catalisador ou propulsor de tal relação e pelas várias formas empregadas: meditação, silêncio e escrita.

Nota-se, ao longo de seus diários, que Etty Hillesum compõe um novo quadro para compreender o mundo a sua volta, pois: reavalia a própria situação familiar considerada caótica e dispersiva; reflete o descompasso humano de forma consciente, ou seja, delineando a responsabilidade humana e compreendendo que os horrores vividos são consequência do próprio processo degenerativo da sociedade; demarca os limites entre vida interior e exterior, de maneira que a primeira tenha a primazia sobre a segunda.

A nova forma de visualizar a realidade emerge de um encontro progressivo com Deus por meio das páginas de seus Diários e da contemplação da vida. Tais elementos possibilitaram que a vida em Westerbork, num campo nazista, não a desequilibrassem, pois não lhe eram necessárias as armas exteriores, bastava-lhe apenas manter sua interioridade:

A sua personalidade dispersa e caótica deu lugar a uma nova identidade segura e focada; da sua inclinação crítica e atea brotou uma confiança inabalável no Deus que a habitava; o seu lugar favorito sobre a terra deixou de ser a sua secretária¹⁴ desarrumada em Amesterdão e passou a ser um extenso urzal apinhado de gente e rodeado de arame farpado (PINHO, 2014, p. 71).

Os traços que permitem compreender os aspectos psicodinâmicos de Etty Hillesum possuem matizes específicos daqueles abordados em Inácio de Loyola. É interessante notar a relação filial de Etty Hillesum com seus pais nas raras visitas apontadas nos diários, como nesta em que Etty Hillesum visita seus pais e escreve: “É tão esquisito: se o pai solta o menor suspiro, o meu coração quase se quebra, por assim

¹⁴ Em Portugal, o termo utilizado para a mesa de estudos é secretária, designando aquilo que no Brasil comumente se chama *escriivaninha*. Dada a proveniência da fonte, optou-se por explicar o original e dirimir qualquer incompreensão.

dizer, e se a mãe diz com muito *páthos*: ‘Sinto-me tão mal, não preguei o olho esta noite, etc.’, isso não me atinge intimamente” (HILLESUM, 2020, p. 103). À luz do referencial de Morano, há de se notar o elemento materno e paterno desta manifestação escrita dos movimentos inconscientes.

O materno e o paterno são fontes e estruturas inconscientes preponderantes na experiência mística, conforme introduzido acima, na perspectiva de Etty Hillesum há vestígios de certas dificuldades não superadas, como, quando diz que: “É sempre esta tragédia aqui em casa. Existe aqui um capital de talentos e valores humanos, tanto no pai como na mãe, mas desperdiçados, ou pelo menos não bem utilizados” (HILLESUM, 2020, p. 104). Neste sentido, a não assimilação positiva dos elementos maternos e paternos dispuseram Etty Hillesum¹⁵ a uma juventude carente da integração entre os aspectos funcionais¹⁶ decorrentes da experiência materna e, daqueles outros próprios da experiência paterna, especialmente o fator da identificação e da individuação¹⁷.

Ainda sobre estas características, o evidenciado nos primeiros escritos de Etty Hillesum é uma subordinação dos fatores maternos a um imperialismo da dimensão paterna. Nesse sentido é necessário esclarecer que a dimensão materna, “de modo estrutural, mantém em todo indivíduo um desejo não cumprido de fusão, de recuperação do estado originário no qual não teria nem distância nem diferença alguma [entre o indivíduo e o que lhe cerca]” (MORANO, 2020, p. 186). Ou seja, na estruturação do indivíduo o materno é responsável por propiciar um desejo de totalidade proveniente da fusão materno-filial intrauterina e entre os primeiros meses de vida.

¹⁵ Dentro da proposta psicanalítica apresentada por Morano, o materno e o paterno possuem grande impacto no desenvolvimento humano. Assim, o mundo representado pelo materno refere-se ao desejo de unidade com o todo, enquanto o paterno marca uma ruptura com este mesmo mundo, dando início a construção do simbólico (MORANO, 2020).

¹⁶ A vivência familiar de Etty Hillesum, principalmente com sua mãe, resguardam traços que influenciam em seu próprio modo de ser. Sobre esta questão vale mencionar algumas palavras que Etty Hillesum escreveu enquanto recordava a figura de sua mãe num jantar: “Psicologicamente, talvez pudesse elaborar esta fórmula – ouçam a leiga ingênua a falar: sinto uma oposição em relação a minha mãe, que ainda não foi demolida, e por isso faço exatamente as mesmas coisas que me causam relutância nela” (HILLESUM, 2020, p. 134).

¹⁷ “É o feminino-materno o que marca de modo essencial a vertente mística da experiência religiosa” (MORANO, 2020, p. 191). Na vida de Etty Hillesum a sua relação filial é marcada pela rejeição de sua mãe, conforme seus diários, e uma leve exaltação da figura paterna. Isto possibilita afirmar a exaltação de características simbólicas - individuação e identificação - em detrimento da experiência de unidade ressaltada na esfera materna.

Numa visão que aproxime psicanálise e mística, conforme Morano, este elemento é o responsável por dispor o sujeito a busca religiosa, o desejo de reencontrar o paraíso perdido, a fusão que outrora fora rompida. A ruptura materno-filial é motivada pela entrada de um terceiro ator em cena: o pai. “Somente assim se possibilita o acesso a nossa condição de ‘seres separados’, inseridos na realidade e a intersubjetividade” (MORANO, 2020, p. 208). Segundo Morano, a presença do pai rompe com o narcisismo totalitário da infância e insere-a no mundo simbólico, do qual emerge gradativamente a linguagem. Em Etty Hillesum este apelo ao mundo simbólico e a linguagem é notório, Etty Hillesum, antes mesmo dos diários desejava ser escritora e suas escolhas conduziram-na pelas sendas das letras: seja no estudo do Direito, seja no estudo das línguas eslavas.

As sugestões acima parecem ser superficiais, entretanto, a ruptura paterna de Etty Hillesum parecia estar bem consolidada, dada sua proeminência relacional e, principalmente, no campo da linguagem. Etty Hillesum não era uma mera estudante, mas preocupa-se pela força e pelo ímpeto simbólico da linguagem, como confirmam várias passagens de seu diário nas quais ela reflete a força das palavras e a forte expressão comunicativa da arte que lhe escapa. Por outro lado, no campo dos afetos, sua relação amorosa com Han Wegerif e Julius Spier, homens muito mais velhos que ela, também possibilitam outros aportes da compreensão dos elementos psicodinâmicos expostos por Etty Hillesum em seus diários.

Contudo, atinado ao objetivado nesta seção, é necessário ressaltar como os elementos maternos e paternos são gradativamente integrados em Etty Hillesum ao longo dos três anos de seus diários. A relação com Deus mediada pelos escritos e por Julius Spier desemboca, como afirmado por Hillesum, num encontro com quem sempre esteve nela e com ela: “Dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalho no poço, e aí Deus está soterrado. Então é preciso desenterrá-lo” (HILLESUM, 2020, p. 112). Além disso, diante dos horrores do nazismo, as páginas de seus diários enchem-se de uma profunda experiência de unidade com a criação e com o mundo, ante a atrocidade da violência humana, seus textos ressaltam seu profundo desejo unitivo com o mundo e com Deus, perpassados, por sua vez, pelo cuidado interior. Diante da

privação de andar livremente nas ruas de Amsterdã, por ser judia, Etty Hillesum (2020, p. 202), escreve:

O maior roubo que nos é feito somos nós mesmos que o fazemos. Eu acho a vida bela e sinto-me livre. Os céus dentro de mim são tão vastos como os que estão por cima de mim. Creio em Deus e creio na humanidade, e aos poucos vou-me atrevendo a dizê-lo sem falsa vergonha. A vida é difícil, mas isso não faz mal. Uma pessoa deve começar-se a levar-se a sério e o resto segue por si mesmo. E ‘trabalhar a própria personalidade’ não é certamente um individualismo doentio. E uma paz só pode ser verdadeiramente uma paz mais tarde, depois de cada indivíduo criar paz dentro de si e banir o ódio contra o seu semelhante.

Deste modo, a experiência religiosa operada em Etty Hillesum reconduziu-a numa jornada de integração com seus aspectos psicodinâmicos esquecidos e, até aquele momento, desintegrados ou abandonados. O caminho percorrido e conduzido espiritualmente desembocou num objetivo que também seria o do analista na terapia. Conforme Morano também adverte, os caminhos trilhados pelos místicos, em detrimento de personagens nos quais o psiquismo foi supervalorizado, leva a integração dos aspectos inconscientes ou determinantes na personalidade individual.

Os caminhos percorridos por Inácio de Loyola e Etty Hillesum foram muito distintos, seja pela época que cada um viveu, ou por suas diferenças constitutivas e culturais, entretanto, evidencia-se, conforme acima, que ambos fizeram um caminho de integração pessoal. É necessário dizer que as páginas de seus escritos resguardam zonas obscuras e perigosas nos quais cada um poderia ter cruzado a linha daquilo que é considerado saudável e desenvolvido profundas consequências patológicas, contudo, na jornada de cada um é possível notar a conciliação entre os contrários polos da existência: materno e paterno, individual e coletivo, místico e religioso, humano e divino. Diante desta integração, faz-se justa e necessária uma última questão: quais foram os caminhos percorridos, o método empregado e a forma pela qual estes dois místicos lograram ao mesmo tempo, encontrar-se com Deus e curar suas feridas?

4. A intimidade com Deus: o método da alteridade¹⁸

A trajetória mística e religiosa de Inácio de Loyola possui, intrinsecamente, a prevalência de métodos. No entanto, como aclarado na sessão de esclarecimentos, o caminho por meio do qual estes místicos caminharam não é simplesmente a consecução de metas, ou a realização de tarefas para um fim determinado. É notório que nesta busca, o cavaleiro de Loyola concebeu uma forma de constantemente revistar-se a si e a sua experiência com Deus:

Logo pela manhã, ao levantar-se, deve a pessoa propor-se evitar cuidadosamente aquele pecado ou defeito particular do qual quer corrigir-se e emendar-se. Depois da refeição, pedir a Deus nosso Senhor, o que quer. Neste caso, a graça de recordar-se quantas vezes caiu naquele pecado ou defeito particular e de emendar-se para o futuro (LOYOLA, 2000, p. 9).

Também Etty Hillesum desenvolveu uma periodicidade metódica em seu exercício interior:

Acredito que é isso que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora ‘para dentro’, a escutar o que está dentro de mim. ‘Submergir-me’ [...] não chega somente mover os braços e as pernas e todos os outros músculos, de manhã na casa de banho. O ser humano é corpo e alma. E assim, uma meia hora de ginástica e uma meia hora de ‘meditação’ podem formar em conjunto uma larga base de calma e concentração para o dia inteiro (HILLESUM, 2020, p. 89).

Mesmo que o método de oração de ambos mereça ser detidamente apreciado, pois constituem um excelente objeto de estudos, o objetivo desta seção é adentrar ao método que subjaz a esta experiência. Conforme Morano analisa, existe uma profunda diferença entre os caminhos espirituais traçados entre Ocidente e Oriente, assim, Inácio de Loyola e Etty Hillesum, cada um a seu modo e a seu tempo, demonstram com maestria o caminho místico ocidental: o encontro dual do sujeito com Deus, a alteridade entre o humano e o divino.

¹⁸ A alteridade abordada nesta seção sustenta-se nas compreensões propostas por Carlos Domínguez Morano e sua reflexão sobre as diferenças entre a mística ocidental e a oriental; na apreensão filosófica de Gabriel Marcel e o imperativo da *intersubjetividade*; e na compreensão da *Mística de olhos abertos* de Johann Baptist Metz que concebe no olhar messiânico de Jesus dirigido aos sofrendores a tônica da mística dos cristãos. Elementos que, conforme explanado a seguir, foram amplamente encontrados na experiência de Inácio de Loyola e Etty Hillesum.

Assim, dada a forma pela qual o Ocidente interage com o Sagrado, numa visão de sua religiosidade tradicional no decorrer dos séculos, o método que prevalece é o da dualidade marcada pela *Transcendência do Transcendente*. Morano analisa este arquétipo antropológico sobre a realidade última afirmando que o Transcendente nas grandes religiões monoteístas do Ocidente é totalmente segregado da realidade mundana e livre, por sua vez, dá-se a conhecer à humanidade e possibilita a união por meio do amor e do conhecimento. É justamente neste paradoxo e nesta tensão, “da máxima união com uma máxima diferenciação” (MORANO, 2020, p. 503) que estão inseridas as experiências místicas de Inácio de Loyola e Etty Hillesum.

Em Inácio de Loyola, além dos vários episódios narrados em sua *Autobiografia*, destaca-se uma anotação muito interessante do *Diário Espiritual* que possibilita compreender a tensão mística ocidental do ser humano em sua comunicação com o sagrado. O conteúdo do *Diário Espiritual* é exclusivamente o do discernimento sobre se a Companhia de Jesus deveria utilizar-se das rendas eclesiásticas integralmente, de maneira parcial ou não as utilizar. Assim, do dia 2 de fevereiro de 1544 até o dia 27 de fevereiro de 1545, Inácio de Loyola detêm-se sobre esta questão. Já no primeiro dia de discernimento da questão, Inácio de Loyola anota que é “melhor não ter nada” (LOYOLA, 2007, p. 27), contudo, ele deseja ter um sinal de confirmação por parte de Deus, seja por meio da experiência mística ou de uma visão de uma das pessoas da Trindade.

Ao longo de todo o diário este sinal não acontece. Diante disso, Inácio intensifica suas orações e meditações, mostrando-se, algumas vezes, irado por motivações externas. Porém, no dia 12 de março, Inácio de Loyola concluiu a apreciação da matéria de maneira inusitada e, de certa maneira, renunciando a sua vontade de ser visitado por uma pessoa da Trindade:

Considerarei por fim, visto que não havia mais dificuldade na coisa em si, como agradaria mais a Deus nosso Senhor que eu encerrasse, sem mais aguardar nem procurar provas, ou rezar ainda missas para as conseguir. Quando coloquei isto em eleição, senti que agradaria mais a Deus nosso Senhor que eu concluísse, mas sentia em minha vontade que eu queria que Deus condescendesse com o meu desejo, que era concluir num tempo em que me encontrasse muito visitado. Então, sentindo minha inclinação e, por outra parte, o prazer de Deus nosso Senhor, logo comeci a dar atenção e a querer chegar ao prazer de Deus nosso Senhor (LOYOLA, 2007, p. 67).

O discernimento realizado por Inácio de Loyola não culmina na eleição de uma das possibilidades da matéria analisada, como ele mesmo ansiava, mas a alteridade diante de Deus possibilitou a Inácio de Loyola um entendimento mais profundo da experiência humana e da pobreza. Seu desejo de ver confirmada a matéria de seu discernimento não aconteceu, contudo, no interior da negação desta expectativa, Inácio compreendeu que seu próprio desejo de encerrar a ação de Deus em suas compreensões e desejos se contrapõe a vivência autêntica e profunda desta realidade.

A experiência de intimidade com Deus, marcada pela profunda vivência da alteridade, concretiza aquilo que foi anunciado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II: “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22). Da mesma forma como Morano aponta a importância da subjetivação por meio do encontro com Deus, o Concílio e a experiência de Inácio de Loyola corroboram tal afirmação, visto que é na experiência da alteridade que o humano se descobre humano. Inácio, no texto analisado, descobre as profundezas da questão da pobreza e do desejo a partir do momento que deixa de *obrigar* e condicionar a resposta de Deus. Pois, “a pobreza está no coração. Ela é de certa maneira, neste fragmento de todas as decisões então tomadas, a experiência essencial da decisão, empobrecida de seu próprio projeto, teimosamente procurada e graciosamente recebida” (LOYOLA, 2007, p. 12).

A alteridade como método de encontro com Deus na experiência de Etty Hillesum desborda numa profunda alteridade para com o seu mundo circundante. Etty Hillesum, após um ano de sua jornada psicológica e espiritual orientada por Julius Spier compreende que muitos dos alemães que obedecem ao regime nazista são impelidos a isto e, mesmo em meio aos maus tratos dirigidos aos judeus e a ela mesma, se compadece destes. Além disso, no Conselho Judaico e em Westerbork, Etty Hillesum deseja libertar os internos e os algozes das amarras da falta de vida interior que os ata ao descompasso daquele período (SANTOS; MARIANI, 2023).

A compreensão da realidade realizada por Etty Hillesum não é um fruto isolado de seu espírito arguto e inteligente, senão, compreensão revelada a partir de sua interioridade e de sua gradativa e profunda intimidade com Deus. No dia 12 de julho de 1942, seus diários resguardam a seguinte oração:

Torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes ajudar, que nós é que temos de te ajudar, e, ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios. E esta é a única coisa que podemos preservar nestes tempos e também a única que importa: uma parte de ti em nós, Deus (HILLESUM, 2020, p. 252).

Diante da gritante questão que assombra a humanidade até os dias atuais: *onde estava Deus no holocausto?* Etty Hillesum, que vivia constantemente os aviltamentos daquele terror, compreende que cabe à humanidade construir e edificar os meios para a superação da violência. Esta oração não nega os atributos divinos, mas detalha de maneira alarmante que o relacionamento com Deus revela à humanidade sua própria responsabilidade diante da vida.

A relação de Etty Hillesum com o Sagrado não cai na comum proposição de responsabilizar Deus pelas relações humanas. Não cabe a Deus a responsabilidade de transfigurar a realidade humana, senão que a humanidade transfigurada pelo encontro com o Sagrado é capaz de transformar a realidade. A experiência mística vivida por Etty Hillesum resguarda com clareza e nitidez os dois pólos da relação: o eu e o Outro. Ao se embrenhar no mistério de Deus, Etty Hillesum não dilui sua própria personalidade, mas compreende-se a si mesma.

Neste sentido, Inácio de Loyola e Etty Hillesum testemunham os postulados filosóficos e teológicos expostos no estudo da alteridade e da intersubjetividade. Pois, a experiência mística ocidental dual, numa apreensão acadêmica, sempre foi tratada à luz da alteridade. O Outro que se relaciona com o indivíduo e que transfigura sua vida sempre foi objeto de interesse por parte dos pensadores, conforme dito por Gabriel Marcel (2005, p. 176): “por acaso não há de se responder que Tu és, de alguma maneira, a garantia desta unidade que me liga a mim mesmo, ou um ao outro, ou ainda uns aos outros?”

A compreensão total ou parcial deste Tu, ou *Outro* que dá sentido e significado ao humano colapsa diante do mistério ao qual está intimamente atrelado. Comumente denominado Deus, o movente interior da profunda intimidade humana permite com certa objetividade dizer que é ilimitado e não objetivável. Pois, “só quando você ‘desprivatizar’ seu Deus, nesse sentido, o ‘seu’ Deus poderá ser para você algo mais e diferente do que apenas sua própria projeção, do que desejo particular, que será enterrado com você” (METZ, 2013, p. 39).

Assim, na intimidade com Deus sentida e experimentada por Inácio de Loyola e Etty Hillesum, dadas as situações biográficas estudadas, nota-se a profunda desprivatização de Deus que permite com que a experiência transforme profundamente suas próprias projeções pessoais e projetos. Dentro da tensão humana que possibilita Deus ser Deus, existe a experiência mística que releva e permite a cada ser humano viver sua humanidade. Outra característica muito importante na experiência mística ocidental e captável nos relatos místicos estudados é o da integração do sujeito e superação do egocentrismo: “se o homem deseja encontrar a Deus, não deve abandonar seu Eu, mas o seu egocentrismo, e no encontro com Ele, não se perde, senão que chega a ser ainda mais ele mesmo” (MORANO, 2020, p. 530).

Em suma, a intimidade com Deus a partir do método da alteridade desemboca numa nova compreensão da realidade, de si e de tudo aquilo que outrora era mensurado a partir de medidas outras. Há no interior desta relação uma transformação do sujeito que acontece mediante o encontro. Para Morano, esta realidade é intrínseca à experiência mística ocidental, marcada, essencialmente, pelo encontro/relação com o Outro. Inácio de Loyola e Etty Hillesum, indubitavelmente, mudaram a forma de compreender a vida e, por conseguinte, de vivê-la a partir deste encontro de suma alteridade, conforme este excerto de Hillesum:

Estou pronta para tudo, para cada local deste mundo para onde Deus me enviar, e estou pronta a testemunhar sob qualquer circunstância e até à morte que esta vida é bela e preme de sentido, e que não é culpa de Deus as coisas serem atualmente como são, mas culpa nossa (HILLESUM, 2020, p. 242).

Considerações finais

A intrincada relação entre mística e psicanálise analisada ao longo destas páginas continua e continuará misteriosa conforme a peculiaridade destas complexas áreas do viver e do saber. Entretanto, a partir dos relatos de Inácio de Loyola e Etty Hillesum, bem como da criteriosa análise de Morano, alguns pontos de encontro e relação foram aclarados, a saber: a profunda capacidade de ambas, mística e psicanálise, reorientarem a vida individual; a integração do sujeito como ponto comum entre ambas

e, não menos importante; a prevalência do Outro na experiência mística ocidental como manancial da própria subjetivação.

Como analisada na primeira seção, Inácio de Loyola e Etty Hillesum conceberam uma nova situação vital decorrente de uma experiência mística transformadora, capaz de imprimir um novo sentido e significado existencial à vida que já tinham objetivos e metas bem delineadas. A experiência mística, conforme evidenciando, irrompe da vida vivida, seja na convalescência em Loyola ou no acompanhamento psicológico em Amsterdã. Por outro lado, a mística também é uma experiência mediada, tanto em Inácio de Loyola como em Etty Hillesum prevalecem a escrita e a leitura como experiências chave para sua integração e vida espiritual, vale ressaltar que para além dos textos Sagrados, esta pesquisa encontrou a partilha de um texto e de aspectos de uma espiritualidade comum: a *Imitação de Cristo de Tomás de Kempis* e a *Devotio Moderna*, respectivamente. Estes elementos não são condicionantes, mas revelam uma intrigante cercania espiritual em experiências cronológicas tão distantes.

Por outro lado, a análise de Inácio de Loyola e Etty Hillesum, a partir das compreensões psicanalíticas evidenciadas na segunda seção, demonstraram uma interessante e coerente aproximações entre mística e psicanálise: a integração do sujeito. É válido e importante ressaltar que ambas são diferentes, pois nascem de solos distintos e chegam a conclusões distintas, entretanto, como na definição geométrica dos segmentos de reta concorrentes, possuem, ao menos, um ponto em comum, em ambas as experiências prevalecem um anseio por humanizar o humano e integrar o sujeito. Seja no interior da meditação e da oração ou na experiência da análise de um divã, urge a sentença para que o sujeito que ali se encontra assimile sua história e integre os elementos numa forma que tudo possibilite que ele seja.

Por último, o aspecto do método da alteridade promove uma importante consciência apagada nas inúmeras “espiritualidades” ofertadas na contemporaneidade. A globalização aprofundada nos últimos séculos possibilitou a assimilação de vastas experiências espirituais nos polos globais. Oriente e Ocidente expandiram as fronteiras de suas próprias experiências e, por isso, o universo espiritual tornou-se imensurável e globalizado. Neste sentido, o método da alteridade, especialmente encontrado nas experiências monoteístas que foram radicados no Ocidente e abordado na terceira seção,

possui a especificidade da relação do sujeito com Deus como propulsora da subjetivação. Para Metz¹⁹ (2013, p. 18) é necessário “restringir o uso da palavra mística às religiões monoteístas, pois sua espiritualidade trata expressamente da experiência de uma proximidade especial com Deus”, contudo, Morano explora com maior agudeza o peculiar e específico desta experiência, quando diz: “se o homem deseja encontrar a Deus, não deve abandonar o seu Eu, mas o egocentrismo. No encontro com Ele, o Eu não se perde, senão que chega a ser ainda mais ele mesmo” (MORANO, 2020, p. 530).

Inácio de Loyola e Etty Hillesum oferecem, a partir de seus relatos vitais, referências basilares para todos que se questionam sobre o sentido da própria existência e a realidade transcendente. Morano, por sua vez, ao analisar tais caminhos, conclui que o místico e o psicanalítico conduzem a um objetivo comum: que o humano seja ainda mais humano, um humano integrado. Por sua vez, as palavras alinhadas e sutilmente pensadas para este artigo buscam, em sua equivocidade e largueza, apresentar estes profundos pensamentos para o mundo caótico da sociedade contemporânea que precisa humanizar-se.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Mística e Psicanálise*. In: **Theologica Latinoamericana** – Enciclopédia Digital. Belo Horizonte: FAJE, 2023. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1549>. Acesso em: 04 ago. 2023.

CAMPOS RIBEIRO, Danielle. **O universo interior de Etty Hillesum transfigurado pela presença de Deus**. Orientador: Dr. Faustino Couto Teixeira. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)

¹⁹ A proposição realizada por Metz busca enfatizar que a experiência de uma proximidade especial com Deus deve ser entendida de maneira diferente daquilo que comumente se entende com o conceito espiritualidade. Neste sentido, Metz propõe, diante da equivocidade dos conceitos, que o conceito de mística esteja atrelado aos monoteísmos. É justo afirmar que o autor busca, por meio destas distinções, definir a espiritualidade cristã contemporânea, assinalando a proximidade com Deus como sua marca fundamental.



CORDEIRO, Everton Fernandes. O inconsciente em Sigmund Freud. **Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos**. (Online). 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2023.

GÓMEZ, J. A. **Historia de la vida religiosa**: desde la “Devotio moderna” hasta el Concilio Vaticano II. Vol. 3. Madrid: 1990.

HILLESUM, Ety. **Cartas** 1941-1943. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

HILLESUM, Ety. **Diário** 1941-1943. 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.

LOYOLA, Inácio de. **Exercícios espirituais**. São Paulo: Loyola, 2000. LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia**. Braga: Editoria A.O., 2005.

LOYOLA, Inácio de. **Diário Espiritual**. São Paulo: Loyola, 2007.

MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**: Prolegómenos a uma metafísica de la esperanza. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Mística e Teologia: Desafios contemporâneos e contribuições. **Atualidade Teológica**, v. 33, p. 360-380, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18285/18285.PDF>. Acesso em: 03 ago. 2023.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Mística e Teologia: do desencontro moderno à busca de um reencontro contemporâneo. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, n. 27, p. 854-878, 3 out. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p854/4290>. Acesso em: 03 ago. 2023.

METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do Instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção Travessias).

MENDONÇA, José Tolentino. Prefácio. In. HILLESUM, Ety. **Diário** 1941-1943. 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.

MORANO, Carlos Domínguez. **Mística y psicoanálisis**: El lugar del Otro em los místicos de Occidente. Madrid: Editorial Trotta, 2020. Edição Digital. (Colección Estructuras y Procesos).

SANTOS, Lucas Cordeiro; MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. Sincronia no descompasso: a escrita de si em Ety Hillesum como experiência mística em tempos de crise. **INTERAÇÕES**, v. 18, n. 1, p. e181t06, 14 jun. 2023. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/29128/20835>. Acesso em: 01 ago. 2023.

SANTOS, Lucas Cordeiro. **Da crise relacional à transcendência**: a intersubjetividade na filosofia de Gabriel Marcel, 2018. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso



(Graduação). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

PINHO, Teresa Cláudia Correia de. **O acesso a Deus em Etty Hillesum**. Orientador: Dr. Domingos Terra, 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.

TOMÁS DE KEMPIS. **Imitação de Cristo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.